

# Investigador investigado

UGO BRAGA

DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 61 anos, o novo presidente do Conselho de Ética do Senado, Leomar Quintanilha (PMDB-TO), é uma contradição ambulante. Ditará o ritmo da investigação sobre o presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL), ao mesmo tempo em que ele mesmo está sob a lupa da Justiça, num inquérito em que é acusado pelo Ministério Público Federal de lavagem de dinheiro, corrupção e formação de quadrilha. O caso está no Supremo Tribunal Federal, identificado pelo número 2.274, com o carimbo "processo sigiloso".

Quintanilha está em apuros graças ao procurador Mário Lúcio Avelar, o mesmo que pôs para andar a investigação sobre a máfia dos sanguessugas. Tal como naquele, o caso do senador por Tocantins envolve um esquema de empreiteiras, propina e emendas parlamentares. Procurado pelo Correio, ele não retornou ligações. Às pessoas que conseguiram contactá-lo, deu de ombros. Dizia que jamais fora chamado para depor e que sequer sabe do que é acusado.

Na política, o presidente do Conselho de Ética é eclético. Em Goiás, seu estado natal, já presidiu a Arena, partido da ditadura, migrou para o oposto dele, o PMDB. Depois, criado Tocantins, perfilou entre os liberais do PFL, esteve comunista de carteirinha no PCdoB por quase dois anos e agora voltou ao PMDB. Aliado de primeira hora, topou arregaçar as mangas para liderar o processo disciplinar contra Renan. E fará o que for possível por um desfecho favorável ao amigo.

Quintanilha sabe o que é estar no centro de uma crise. Durante a CPI do Futebol, em 2001, os investigadores se depararam com uma série de depósitos em sua conta bancária, feitos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O então senador de primeiro mandato, membro da comissão, presidia a Federação Tocantinense de Futebol (FTF). Os supostos repasses eram da mãe (CBF) para a filha (FTF), portanto tinham motivo de existir. Porém, não havia qualquer prestação de contas disponível. No fim, prevaleceu o entendimento político e ele ficou fora do relatório final.

A grande habilidade que demonstra na política se estende aos negócios. Quintanilha começou a vida como bancário no Banco do Brasil. Ascendeu à fazendeiro. Em 2000, já ostentava um belo patrimônio, com duas fazendas e vários imóveis em Goiás e Tocantins, somando R\$ 991 mil. Seis anos depois, candidato a governador pelo PCdoB, entregou à Justiça Eleitoral uma declaração de bens de R\$ 1,9 milhão, com duas fazendas, imóveis e um rebanho de "bovinos, bubalinos, caprinos, ovinos, asininos e muares". O desempenho econômico da pessoa física nesses seis anos é bem superior ao de toda a economia brasileira. O patrimônio do senador praticamente dobrou. Cresceu 99%.